

Alba de Céspedes

Nas palavras dela

Tradução de Ana Cláudia Santos



Conheci Francesco Minelli em Roma, no dia 20 de outubro de 1941. Eu estava então a preparar a minha tese de licenciatura, e o meu pai tinha ficado quase cego havia um ano, por causa de uma catarata. Morávamos num dos prédios novos do Lungotevere Flaminio, para onde nos mudáramos logo após a morte da minha mãe. Eu podia considerar-me filha única, embora, antes de eu nascer, um irmão meu tenha tido tempo de vir ao mundo, revelar-se uma criança prodigiosa e morrer afogado aos três anos. Viam-se muitas fotografias dele em casa, nas quais a sua nudez era mal protegida por um chambre branco que lhe deslizava pelos ombros redondos; fora também retratado de bruços em cima de uma pele de urso, mas a minha mãe preferia, de entre todas, uma pequena fotografia em que ele estava de pé, com uma mão estendida para o teclado do piano. Ela afirmava que, se ele não tivesse morrido, teria sido um grande compositor como Mozart. Chamava-se Alessandro e, quando eu nasci, poucos meses depois da sua morte, foi-me imposto o nome Alessandra para renovar a sua memória, e na esperança de que se manifestassem em mim algumas das virtudes que tinham deixado dele uma recordação inextinguível. Este vínculo ao pequeno irmão morto foi um grande fardo nos primeiros anos da minha infância. Nunca conseguia libertar-me dele: quando me repreendiam, era para me fazerem notar que eu traíra, não obstante o meu nome, as esperanças que me tinham sido confiadas; nem se coíbiavam de acrescentar que o Alessandro nunca ousaria agir daquela forma; e mesmo quando merecia

uma boa nota na escola, ou dava provas de esmero e lealdade, tiravam-me metade do mérito, insinuando que era o Alessandro a exprimir-se através de mim. Esta abolição da minha personalidade fez-me crescer arredia e taciturna e, mais tarde, tomei por confiança nos meus dotes o que era apenas o enfraquecimento, nos nossos pais, da recordação do Alessandro.

No entanto, à presença espiritual do meu irmão, com o qual a minha mãe comunicava por via de uma mesa de pé de galo e com a ajuda de uma médium chamada Ottavia, eu atribuí um poder maléfico. Não duvidava de que ele se estabelecera em mim, mas — ao contrário do que defendiam os meus pais — só para me sugerir ações reprováveis, pensamentos maus, desejos doentios.

Assim, abandonava-me a eles, julgando inútil combatê-los. O Alessandro representava, em suma, o que para outras meninas da minha idade era o diabo ou o espírito maligno. «Cá está ele», pensava, «é ele quem manda.» Acreditava que podia apoderar-se de mim como da mesa de pé de galo.

Deixavam-me muitas vezes sozinha em casa, confiada a uma velha criada de nome Sista. O meu pai estava no escritório, a minha mãe saía todos os dias e ausentava-se durante muitas horas. Era professora de piano e poderia ter manifestado um talento notável, compreendi mais tarde, se tivesse tido a possibilidade de se dedicar à arte em vez de ceder às exigências e aos gostos dos burgueses ricos cujos filhos tinha de ensinar. Antes de sair, ela preparava-me algumas diversões, para que me pudesse distrair durante a sua ausência. Sabia que eu não gostava de brincadeiras barulhentas e violentas; por isso, sentava-me numa cadeirinha de vime adequada à minha altura e punha ao meu lado, numa mesa baixa, retalhos de tecido, conchas, margaridas para enfiar em pulseiras ou colares, e alguns livros. Sob a sua amorosa orientação, aprendi cedo a ler e a escrever razoavelmente; e, contra a minha vontade, esta precocidade era também atribuída à influência do Alessandro. Na verdade,

eu raciocinava e exprimia-me como se tivesse o dobro da minha idade, e a minha mãe não se espantava, porque mentalmente substituí a minha idade pela que o Alessandro teria. Deixava-me ler, por isso, livros adequados a raparigas mais maduras. No entanto, hoje posso considerar que a escolha de tais livros era excelente e inspirada por uma cultura sólida.

Portanto, ela saía, depois de me ter beijado apaixonadamente, como que para uma longa separação, e eu ficava sozinha. Da cozinha vinha o tilintar dos pratos, no corredor passava a sombra magra da Sista; ao crepúsculo, a Sista fechava-se no seu quartinho, no escuro, e eu ouvia-a rezar o terço. Então, certa de não ser surpreendida, eu abandonava os livros, as conchas, as pulseiras de margaridinhas e ia à descoberta da casa.

Não me deixavam acender a luz, porque vivíamos na mais estrita economia. Começava a vaguear na penumbra, caminhando lentamente, com os braços esticados como uma sonâmbula. Aproximava-me dos móveis, velhos e maciços, que, àquela hora, pareciam sair graças a mim da sua imóvel quietude e animar-se de misteriosas aparências. Abria as portas, revistava as gavetas, movida por uma curiosidade febril e, por fim, ao ver a luz desaparecer nas divisões sombrias, escondia-me a um canto, invadida por um medo tremendo e pelo gozo que esse me proporcionava.

No verão, pelo contrário, ia sentar-me na varanda que dava para o pátio comum, ou assomava à janela com a ajuda de um banquinho. Nunca escolhia as janelas que davam para a rua; preferia uma janela que se abria para um saguão forrado de glicínias, que separava a nossa casa de um convento de freiras. As andorinhas invadiam com prazer a sombra do pátio e, ao seu primeiro chilreio, levantava-me como se me tivessem chamado e acorria à janela. Ali, demorava-me a seguir com o olhar as andorinhas, os desenhos mutáveis das nuvens e a vida da secreta comunidade feminina que transparecia pelas janelas iluminadas. Por trás das cortinas brancas que protegiam as janelas

do convento, as monjas passavam rapidamente, projetando grandes sombras chinesas. O chilrear cruel das andorinhas era uma chibatada que açulava a minha imaginação. Calada, no canto da janela escura, eu saqueava tudo o que havia em meu redor. Definia este inefável estado de espírito como «Alessandro».

Em seguida, refugiava-me junto da Sista, sentada junto do fogão na cozinha, ruborizada pelas brasas acesas. A minha mãe voltava, acendia a luz; eu e a velha criada surgíamos da penumbra, atordoadas do escuro e do silêncio. Os diálogos mudos com o piano e com as andorinhas cansavam-me tanto, que ficava com os olhos pisados. Então, a minha mãe tomava-me nos braços, para que eu lhe perdoasse a ausência, e contava-me da dona Chiara e da dona Dorotea, as jovens filhas de uma princesa às quais a minha mãe ensinava música havia anos, sem qualquer resultado.

O meu pai chegava a casa bastante tarde, segundo o costume dos meridionais. Ouvia-se a chave girar na fechadura — uma chave comprida e fina que lhe sobressaía sempre do bolso do colete — e, depois, o estalido seco do interruptor. Nós estávamos na cozinha, a minha mãe ajudava a Sista a preparar o jantar; mas, assim que ouvia o barulho da fechadura, antes ainda que o marido entrasse em casa, ela, ajeitando apressadamente o cabelo, passava para a sala de jantar e sentava-se comigo no sofá rígido. Pegava num livro e fingia ler, absorta; em seguida, perguntava «És tu, Ariberto?», com uma voz aguda que exprimia uma surpresa alegre. Durante os primeiros anos da minha vida, a minha mãe encenava todas as noites este pequeno teatro, que me pareceu, por muito tempo, incompreensível. Não conseguia perceber porque é que ela abria febrilmente o livro, se depois não podia continuar a lê-lo; porém, todas as noites eu ficava fascinada com aquele chamamento que ecoava harmoniosamente na casa, fazendo o nome feio do meu pai parecer romântico.

O meu pai era um homem alto e robusto, de cabelo cortado à escovinha. Quando, já em adulta, calhou ver algumas

fotografias que o representavam nos anos de juventude, compreendi como pôde alcançar sucesso com as mulheres. Tinha olhos profundos, muito negros, e lábios grossos e sensuais. Vestia-se sempre de escuro, talvez por ser funcionário num ministério. Falava pouco; contentava-se quase sempre com abanar a cabeça em sinal de desaprovação, enquanto a minha mãe discorria com vivacidade. Ela falava de coisas vistas ou ouvidas na rua e apimentava a narração com observações argutas, enriquecia-a com a imaginação. O meu pai olhava para ela e depois abanava a cabeça.

Discutiam frequentemente, mas sem cenas ou brigas ruidosas. Falavam em voz baixa, arremessando habilmente um ao outro, num duelo cerrado, frases secas e pungentes. Eu olhava para eles, assombrada, embora não compreendesse as suas conversas cheias de alusões. Se não fosse pela raiva contida nos seus olhares, nem me teria dado conta de que discutiam.

Naqueles momentos, a Sista — que estava sempre à escuta atrás da porta — vinha buscar-me, levava-me para a cozinha, obrigava-me a responder ao terço, às litânias; por vezes, para me distrair, narrava-me a história de Nossa Senhora de Lourdes, que apareceu à pastora Bernardette, ou de Nossa Senhora do Loreto, que viajava com a casa transportada pelos anjos.

Os meus pais, entretanto, tinham-se fechado no quarto. O silêncio adensava-se em torno de mim e da velha criada. Eu temia ver aparecer no vão da porta um daqueles espíritos que a médium Ottavia evocava às sextas-feiras, e que, na minha imaginação infantil, eram parecidos com esqueletos brancos que rangiam. «Sista, tenho medo», dizia eu; e a Sista perguntava-me «De quê?», mas a voz dela era hesitante, e olhava muitas vezes na direção do quarto da minha mãe, como se também tivesse medo.

Falavam baixinho, por isso eu não conseguia apanhar uma única palavra. O sinal da tempestade era dado pelo silêncio que se difundia no corredor escuro e nas quatro divisões da casa;

um silêncio ambíguo que escapava por baixo da porta fechada e avançava, saturava o ar, insidioso como uma fuga de gás. A Sista abandonava a malha sobre os joelhos, as mãos sacudidas por um tremor. Por fim, dando sinais de impaciência e de ansiedade, conduzia-me ao meu quarto, como se me quisesse pôr a salvo, e começava a despir-me, apressadamente, escondia-me debaixo dos lençóis; eu obedecia, calada, deixava que ela apagasse a luz, calada, vencida pelo silêncio que saía do quarto do casal.

Muitas vezes, de noite, depois destes serões angustiantes, a minha mãe entrava em bicos de pés, dobrava-se sobre a minha cama e apertava-me contra si tremulamente. Não acendia a luz; na penumbra, eu entrevia a sua camisa branca. Agarrava-me ao pescoço dela, beijava-a. Era só um instante; depois, ela escapuliu-se e eu fechava os olhos, esgotada.

A minha mãe chamava-se Eleonora. Dela eu herdara o tom claro do cabelo. Era tão loura, que, quando se sentava contra a luz da janela, o cabelo parecia branco e eu ficava atónita a olhá-la, como se tivesse tido uma visão da sua futura velhice. Os olhos eram azuis, a pele transparente; estas características provinham-lhe da mãe austríaca, que fora uma artista dramática bastante conhecida e abandonara o teatro para se casar com o meu avô, italiano, oficial de artilharia. Com efeito, deram aquele nome à minha mãe em memória da *Casa de bonecas* de Ibsen, que a minha avó costumava representar nas suas noites de glória. Duas ou três vezes por ano, a minha mãe — nas raras tardes de folga que se concedia — deixava-me sentar-me ao seu lado, abria a grande caixa chamada «das fotografias» e mostrava-me os retratos da minha avó. Afigurava-se sempre muito elegante nos seus vestidos de teatro, com vistosos chapéus adornados de plumas ou colares de pérolas entre o cabelo solto; custava-me a acreditar que aquela fosse realmente a minha avó, da nossa família, e que ela podia ir ver-nos à casa onde morávamos, entrar pela nossa porta onde ressoava sempre o martelo de sapateiro do porteiro.

Eu sabia de cor os títulos dos dramas que ela representara e os nomes das heroínas que interpretara. A minha mãe queria que eu estivesse familiarizada com o teatro; por isso, contava-me os enredos das tragédias, lia-me as cenas mais importantes, contente por eu reter os nomes das personagens como se fossem pessoas da nossa família. Eram momentos muito belos. A Sista seguia estas narrações sentada a um canto, com as mãos debaixo do avental, como se quisesse asseverar, com a sua presença, a veracidade daquelas histórias maravilhosas.

Na mesma caixa estavam guardadas fotografias dos parentes do meu pai: uma família de pequenos proprietários dos Abruzos, pouco mais do que camponeses. Mulheres de seios fartos, apertados no corpete negro, com o cabelo dividido ao meio descendo em dois pesados bandós dos lados do rosto maciço. Havia também uma fotografia do meu avô paterno, de casaco escuro e laço de pontas. «É boa gente», dizia a minha mãe, «gente do campo». Recebíamos deles muitas vezes sacos de farinha e cestos de figos recheados, saborosíssimos; mas nenhuma das minhas tias se chamava Ofélia, Desdémona ou Julieta, e eu não era suficientemente gulosa para preferir a torta de amêndoa às tragédias amorosas de Shakespeare. Assim, a parentela dos Abruzos, com o tácito acordo da minha mãe, era desdenhada. Os cestos cobertos de tecido grosseiro, cosido a toda a volta, eram abertos sem interesse, e até — apesar da nossa pobreza — quase com tolerância. Apenas a Sista apreciava o seu conteúdo e o guardava ciosamente.

A Sista tinha uma devoção absoluta e inquieta pela minha mãe. Habituada a servir, em casas pobres, mulheres que usavam expressões descuidadas e vulgares, e cujos interesses se limitavam ao âmbito das despensas e das cozinhas, fora logo conquistada pela sua nova patroa. Quando o meu pai não estava, seguia-a pela casa, recuperando o tempo perdido com o trabalho noturno. Se a ouvia tocar piano, abandonava logo qualquer outra ocupação, atirava o avental para o lado e acorria à sala

de estar; escutava escalas, estudos, exercícios, como o faria com sonatas.

Ela gostava de ficar sentada às escuras, em silêncio; durante a minha infância, o escuro foi sempre animado pelos seus olhos brilhantes de sarda. Falava pouquíssimo, creio que nunca me aconteceu ouvi-la falar de seguida. Parecia ligada à nossa casa pela atração irresistível que a pessoa da minha mãe exercia sobre ela, revelando-lhe um mundo que ela tinha ignorado mesmo durante a sua breve juventude. Por isso, sendo beata, permanecia ao nosso serviço, apesar de a minha mãe nunca ir à missa e não me educar segundo uma moral estritamente católica. Julgo que ela se considerava em pecado, ao viver entre nós; é possível que se confessasse acerca da sua permanência na nossa casa, prometendo acabar com ela e dando por si, pelo contrário, cada vez mais enclachada nesse pecado habitual. Certas vezes, quando a minha mãe estava ausente, a casa devia parecer-lhe semelhante a uma veia esvaziada de sangue: as longas horas da tarde passavam solitárias e extenuantes. Se a patroa se atrasava um bocadinho que fosse, temia logo que, distraída e desatenta como era, tivesse sido atropelada por um elétrico ou por um coche; imaginava o corpo dela estendido, inerte sobre o empedrado da rua, as tēporas pálidas, os cabelos tingidos de sangue. Eu sabia que um dilacerante ganido de cão lhe ficava preso na garganta enquanto ela estava sentada, muda e imóvel, com a mão nas contas do rosário ou na escalfeta. No entanto, um distante sentimento de pudor impedia-a de esperar a minha mãe à janela. Também eu, de resto, naqueles momentos, era tomada por um temor irrazoável e horripilante, e agarrava-me à Sista. É possível que ela pensasse que voltaria a servir senhoras gordas, ótimas donas de casa; eu seria mandada para os Abruzos, para a casa da Avó. A luz declinava pouco a pouco, vagas de escuridão submergiam-nos: eram momentos tristíssimos. Por fim, a mãe voltava, e da entrada anunciava alegremente «Estou aqui!», como se respondesse ao nosso desesperado apelo.

A Sista servia também o meu pai com fidelidade e brandura. Servia-o e respeitava-o: era um homem, o dono da casa. Aliás, se precisava de pedir alguma coisa, era-lhe mais fácil falar com ele, pois reconhecia-o da sua estirpe, humilde, inferior. As sórdidas aventuras amorosas dele, das quais, como soube mais tarde, por mil indícios ela tinha conhecimento, também não a incomodavam, porque ela vira, primeiro na sua terra e depois na cidade, muitos outros homens casados agirem da mesma forma.

Antes de mais, eu não conseguia compreender porque é que os meus pais se tinham casado, nem nunca soube como ocorreu o seu encontro. O meu pai não diferia do modelo comum de marido pequeno-burguês, pai de família medíocre, funcionário medíocre que, nas horas livres, ao domingo, repara os interruptores ou constrói engenhosos aparelhos para poupar gás. A sua conversa era sempre a mesma, escassa e desdenhosa; costumava criticar o governo e a burocracia, com argumentos mesquinhos; queixava-se de pequenas querelas de escritório, servindo-se de uma linguagem convencional. Também o seu aspeto físico era desprovido de qualquer espiritualidade. Alto e corpulento, exprimia uma prepotência material na estrutura larga dos ombros. Os seus olhos pretos, tipicamente mediterrânicos, eram doces e húmidos como figos de setembro. Somente as mãos — costumava usar na direita um anel de ouro em forma de serpente — eram singularmente bonitas e mostravam na nobreza do ato e da cor o cunho de uma raça antiquíssima. A pele, lisa e fina, queimava como se aprisionasse um sangue rico. Foi este ardor secreto que me revelou confusamente o que nele atraía a minha mãe. O quarto deles era contíguo ao meu, e de noite, por vezes, eu ficava acordada, de joelhos na cama, e ouvido encostado à parede. Estava roída de ciúmes, e o sentimento que me impelia àquelas ações baixas parecia-me verdadeiramente «Alessandro».

Um dia — eu era muito pequena, ainda não tinha dez anos —, ao entrar na sala de jantar, surpreendi-os abraçados.

Virados para a janela, de costas para mim. Uma das mãos do meu pai estava pousada sobre a anca da minha mãe, movendo-se para cima e para baixo em pancadinhas ávidas. Ela usava um vestido ligeiro e sentia decerto o calor seco e ardente da pele dele; mas não estava incomodada, era evidente. De repente, ele pousou-lhe os lábios sobre o pescoço, de lado, onde começa o ombro. Eu imaginava que os lábios dele queimassem como as mãos; a minha mãe tinha um pescoço branco e comprido, delicadíssimo, em que facilmente se deixaria uma marca vermelha como uma queimadura. Esperei vê-la rebelar-se com um dos seus arranques caprichosos, mas, em vez disso, ficou colada a ele, tornando-se preguiçosa, lenta, voraz. Preparava-me para fugir e dei um encontrão a uma cadeira; com o barulho, os meus pais viraram-se e olharam para mim, surpreendidos. Eu tinha o rosto contraído, o olhar raivoso. «Que tens, Sandi?», perguntou-me a minha mãe. E ela não veio ter comigo, não me abraçou, não fugimos juntas. Pelo contrário, riu-se de forma fútil, afetada. «Estás com ciúmes?», perguntou-me, troçando. «Estás com ciúmes?» Não respondi. Olhei-a fixamente, sofrendo amargamente.

Voltei para o meu quarto, suportando em silêncio o meu rancor surdo. Conservava ainda nas retinas o rosto do meu pai a sorrir em maliciosa cumplicidade com a minha mãe. Pela primeira vez, sentira-o entrar no nosso mundo feminino e íntimo como um inimigo traiçoeiro. Até então, ele parecera-me uma criatura de uma espécie diferente que nos fora confiada e à qual se deviam apenas cuidados materiais. Só estes, na verdade, pareciam interessar-lhe: nós comíamos muitas vezes restos da refeição anterior, enquanto para ele se fazia um bife; os seus fatos eram frequentemente passados a ferro, e os nossos pendurados na varanda, ao ar, para que perdessem os vincos mais evidentes. De tudo isto eu retirara a convicção de que ele vivia num mundo diferente do nosso, em que as coisas que a minha mãe, com o seu exemplo, me tinha ensinado a desprezar ocupavam um lugar cimeiro.

Alessandra sempre quis mais do que a vida lhe oferecia: construindo a sua interioridade à imagem da mãe — artista, livre, apaixonada —, confessa-nos o que pode e sonha uma mulher. Alba de Céspedes, autora de *O caderno proibido*, deslumbra-nos com um clássico da literatura do pós-guerra.

A infância de Alessandra, em Roma, é marcada pela lenda da mãe, Eleonora, mulher prodigiosa que sonhava ser uma pianista célebre, mas foi somente uma professora de piano infeliz por se ter casado com um homem sem interesse. Após a morte da mãe, Alessandra muda-se para uma casa de família longe da capital. Regressa a Roma quando deflagra a guerra. Conhece então Francesco, um antifascista com quem se casa, e descobre o frémito de colaborar na resistência clandestina. Sente-se, contudo, sempre invisível, e confessa: «Quem conhece estas páginas já sabe que ficar a uma janela sozinha e em silêncio é, desde a minha mais remota infância, uma das minhas condições de felicidade.»

Nas palavras dela escrutina impiedosamente o casamento, o mal-estar feminino, o jugo da domesticidade conservadora, o negrume da vida em guerra. Lembrando as vozes literárias de Morante, Ginzburg, Woolf ou Duras, encontramos aqui todo o esplendor da escrita refinada e do imaginário subversivo de Alba de Céspedes, uma das mais intrigantes escritoras do século XX.



«Uma soberba história feminista sobre o amor, que evoca a ideia de ‘um quarto só seu’, de Virginia Woolf, e é uma verdadeira obra-prima da ficção.»

El País

«Eleonora e Alessandra impressionaram-me profundamente. São parte fulcral de um romance que me parece uma obra de grande inteligência literária. [...] ‘*Ponham-me bela.*’ Como chorei com essas palavras. A frase permaneceu na minha memória como um grito não de vida, mas de morte.»

ELENA FERRANTE



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [alfaguaraeditora](#)
 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-632-1



9 789895 836321